



Uma Crítica ao Conceito de Transcendência
Proposto por Leonardo Boff no Livro: Tempo de Transcendência: O Ser Humano como um Projeto Infinito (Rio de Janeiro: Sextante, 2000).¹

Rev. Joabe G. Cavalcanti*

Para mim é um prazer estar aqui com vocês para refletir sobre o texto-palestra de uma pessoa como Leonardo Boff, que é parte da história da teologia contemporânea e patrimônio teológico vivo da América Latina. Refletir sobre o que foi dito por outra pessoa, deve envolver no mínimo duas atitudes: uma deve ser a de apreciação humilde do que foi dito ou escrito por essa pessoa; a outra é a disposição para engajamento crítico com o pensamento de alguém que resolve submetê-lo ao crivo dos seus ouvintes-leitores.

Portanto, minha intenção é fazer uma leitura crítica do texto-palestra de Boff e transcender a própria definição de transcendência apresentada por ele.

Como Boff argumenta, os seres humanos são seres de ação de protesto, ou *protest-ação*. Isso nos lembra aquela afirmação do filósofo Albert Camus: "O ser humano é a única criatura que se recusa a ser o que é".² Essa é uma marca distintiva dos seres humanos *vis a vis* outros seres vivos: esta condição de estar inquieto com o que é. Todavia, a humanidade já sofreu duros golpes no seu orgulho quanto ao sentimento de exclusividade enquanto criatura. Copérnico desfere o golpe quanto àquela visão de mundo na qual o nosso planeta era posto como o centro do universo. Darwin demonstrou que não somos tão distintos assim dos outros animais chamados de inferiores, e Freud nos fez ver que aquela consciência que, pensávamos mover-se acima dos impulsos biológicos, era na verdade dirigida pelas necessidades físicas. Daí a expressão freudiana, "o ego não é senhor de sua própria casa". O conceito de transcendência que era algo tido como uma parte absoluta e mesmo anterior à existência humana, também sofre duros golpes com a filosofia existencialista materialista que ataca de forma mais sutil e fundamental quando afirma que é a existência que precede a essência, e não o contrário. De acordo com essa visão, a essência é formada a partir da vivência humana e, portanto, não existe uma essência anterior à existência.

No livro *Tempo de Transcendência*, Boff expressa exagerado otimismo em relação ao ser humano, quando afirma que "nós desbordamos todos os

¹ Palestra proferida na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru, em 01.08.2003.

* Sacerdote Anglicano, Capelão da Catedral de Southwark, Londres.

² Citado por R. Alves em *What is Religion?* (NY: Orbis, 1984) p. 6.



esquemas, nada nos encaixa” (pág. 22). Essa visão parece dar ao ser humano um grau de autonomia que ele não tem, já que o ser humano faz parte inevitavelmente dos esquemas sócio-culturais, por exemplo, nos quais ele está inserido. Aqui eu trago à nossa lembrança aquele antigo caso muito utilizado pela sociologia, das meninas-lobos. Aquelas meninas por terem sido criadas por lobos, não tiveram suas potencialidades realizadas e não transcenderam da condição de animais enquanto viviam como parte daquele meio. Então, o ser humano é também parte do esquema ou do contexto no qual ele vive, podendo transcendê-lo ou não. Se Boff trata essa capacidade de “romper com tudo” no campo da potencialidade, ou seja, o ser humano como potencialmente capaz de romper com tudo, eu posso acompanhar essa linha de raciocínio. Porém, se o sentido é da inevitabilidade dessa capacidade, isso nos leva à conclusão de que essa noção encerra uma visão determinista da transcendência.

Boff, assim como outros filósofos e teólogos fizeram, tenta superar o dualismo platônico ao falar da transcendência. As representações metafísicas que usam categorias tais quais Deus/mundo, corpo/alma, lá/aqui, imanência/transcendência, são, para Boff, invenção e projeção humanas. Essa tentativa de superação do dualismo leva-o conseqüentemente a uma visão gnoseológica que afirma ser possível representar a realidade tal qual ela é, sem cortes (pág. 24). Essa tentativa de superar o corte epistemológico entre o abstrato e o empírico, entre a razão e a experiência, só é válida se não perder de vista que a realidade tem dimensões diferentes, e às vezes só conseguimos representá-las metafisicamente e contrastando-as umas com as outras. Às vezes falar metafisicamente, significa falar mitologicamente, uma vez que algumas realidades não cabem na linguagem convencional. E aqui eu prefiro as palavras de um compositor brasileiro: “O céu de Ícaro tem mais poesia que o de Galileu”.³ E é sempre bom lembrar que a visão científica de hoje poderá ser vista como mitológica amanhã. A linguagem religiosa antes de ser uma linguagem da razão, é uma linguagem do coração porque a fé não é simplesmente algo racional, mas também não é uma atitude irracional. Eu prefiro afirmar que a fé é trans-racional, já que transcende a razão mas não a contradiz nem a ela se limita.

Boff vai em busca do que deve existir anteriormente às representações dualísticas de imanência/transcendência. A resposta é então encontrada na própria existência humana. Existência que está sempre em aberto, sempre se construindo. Porém, Boff parece não considerar que a existência que é também

³ Música *Tendo a Lua*, gravada pelos Paralamas do Sucesso, 1991, Os Grãos.



experiência de enraizamento pode significar impedimento à transcendência. Então, a abertura pode estar condicionada à imanência e assim a transcendência pode não vir a ser realizada. Em outras palavras, o que acontece é que a existência, por ser ligada a fatores do contexto onde ela acontece, pode ela mesma funcionar como limitação à possibilidade de transcendência. Consequentemente, a transcendência humana deve ser vista como estando no campo da possibilidade e potencialidade, assim como a linguagem e o raciocínio abstrato que existem potencialmente, mas precisam de estímulos externos para serem realizados.

Quando chegamos na definição de transcendência oferecida por Boff, que é expressa por ele como a capacidade de romper interditos, eu penso que essa é uma forma por demais simplificadora e minimalista de perceber a transcendência. Boff apresenta uma visão histórica e positivista da transcendência ao afirmar que “fomos obrigados a transcender os limites impostos pelo meio para podermos viver” (pág. 30,31). Ele usa a narrativa do Gênesis sobre o primeiro pecado, na famosa estória de Adão e Eva, como exemplo de transcendência. Essa não foi, no mínimo, a intenção do autor do texto bíblico, pois ali está exposto exatamente o contrário de transcendência. Afirmando o seu próprio ego como um novo centro, e não o “Outro”, ou Deus como centro, o ser humano impede a si mesmo de transcender. Transcender significaria, de acordo com a narrativa do Gênesis, não querer ser o centro de todas as coisas, mas dar ao “absolutamente Outro” esse lugar. A não-submissão ou enquadramento nem sempre deve ser encarada como sinal de transcendência, pois pode ser apenas manifestação egoística ou meramente animalésca não-transcendente mas limitada à dimensão biológica.

Boff também usa como exemplo de transcendência, o torcedor que na hora do gol dá o salto para a transcendência ou a pessoa que festeja a vitória de sua escola de samba no carnaval. Mas será que essa não é uma visão muito redutora da transcendência? Muitos certamente não veriam nessa atitude transcendência alguma, mas alienação e entorpecimento que impedem o transcender. O próprio Boff faz isso quando fala da pseudo-transcendência e cita os exemplos das “meninhas que ficam loucas quando vêem um artista de televisão e podem tocá-lo. Deliram quando encontram a Xuxa. Quando o padre Marcelo Rossi canta, muitos cristãos deliram.” Esses são exemplos para Boff de falsa transcendência. Ainda de acordo com Boff, a transcendência fala da capacidade dos seres humanos ir além das amarras biológicas e sociais, e mostra que os seres humanos estarão sempre em tensão com o produto social que são. Os seres são indivíduos únicos cuja singularidade não cabe em esquemas biológicos e sociais.



A euforia experimentada pelo torcedor quando o seu time faz um gol, ou a do folião no carnaval, não são experiências nem de alienação nem de transcendência, mas meramente extravasamento humano que não impedem nem favorecem a transcendência. Mesmo a experiência do êxtase orgásmico, que em algumas religiões é percebida como uma experiência mística de transcendência, é um exemplo que nos mostra que só quem experimentou primeiro a transcendência pode percebê-la como algo semelhante à experiência orgásmica. Do contrário, aqueles que experimentam o êxtase do orgasmo sem saber o que é transcendência poderão apenas relacioná-lo a reações químico-físicas.

No contexto em vivemos, a visão de transcendência como sendo a superação de limites pode perpetuar sistemas opressivos onde nós somos sempre levados a ser aquilo para o qual não fomos criados. Se levado às últimas consequências, o conceito de transcendência como superação de limites empurra os seres humanos a buscarem ideais acima daquilo para o qual foram criados. E nós fomos criados simplesmente para sermos seres humanos, não mais nem menos. Discordando de Boff, penso que nós devemos entender a transcendência não como superação de limites, mas como a possibilidade existente nos seres humanos de ser mais que meros animais empurrados pelas forças da natureza. A transcendência deve ser encarada como a capacidade de sair de nós mesmos e assumir a condição de seres espirituais que vivem a vida do espírito nesse corpo mortal. É por isso que a religião, com todas as limitações e distorções que possa ter, é um instrumento importante para a transcendência. A religião tem papel facilitador e orientador no que diz respeito à transcendência. O problema é que a religião é manifestação e expressão de uma experiência religiosa que é e será sempre humana, e por isso mesmo estará sempre sujeita às distorções que são parte da história humana. Aqui vale também dizer claramente que a experiência da transcendência deve ser vista como algo presente e atual e não como algo futurístico para o pós-morte, porque depois da morte não há mais o que transcender.

Para finalizar, a própria capacidade de escolher a transcendência já é, na verdade, demonstração de que somos seres transcendentais. Existe uma tensão constante entre o que somos em potencialidade e o que somos em realidade. A questão é se negaremos o espaço e realização da transcendência que já existe potencialmente em nós, ou viveremos como meros reprodutores do que ocorre na natureza ou nos sistemas sociais nos quais vivemos. É realmente em Jesus que nós encontramos o melhor exemplo de realização



humana da transcendência. Quando os religiosos contemporâneos de Jesus negavam o corpo e a fisicalidade para alcançarem a transcendência, em Jesus, Deus se faz corpo para que a transcendência seja vivida. Mas é em Jesus também que fica claro que a transcendência deve ser vivida em submissão a Deus, que é o absolutamente Outro maior do que nós, e de quem não podemos roubar a glória que a Ele deve ser dada. Transcendência é então, a aceitação humilde de que Deus é o centro de tudo e fonte da vida. É ainda a consciência de que não somos produtos do acaso, de que a nossa vida tem sentido e propósito, e este sentido e propósito estão em Deus. Dizer que nós, seres humanos, somos transcendententes, significa dizer então que somos animais com a capacidade de saltar para o infinito, de entrar na eternidade e de sermos inseridos no divino, ou seja, na vida do próprio Deus.